

O MUNDO É A CASA DO HOMEM

Nichan Dichtchekian

Há dois motivos principais que me levam a fazer esta apresentação: O primeiro é fazer um esclarecimento e uma defesa da Fenomenologia, buscando, este esclarecimento, eliminar a compreensão equivocada e distorcida da Fenomenologia como idealista e subjetivista. O segundo é trazer para nós um pouco de uma Fenomenologia conhecida pobremente no Brasil, entre os psicólogos, que é a realizada por Gaston Bachelard, filósofo francês. Quero chamar a nossa atenção para uma característica do trabalho fenomenológico de Bachelard que é a riqueza de imagens poéticas, ao invés de privilegiar um rigor de linguagem. Por estes dois motivos, escolhi como tema e fonte primordial da minha comunicação de hoje a intimidade e o mundo. Pretendo comentar que uma relação que se estabeleça entre intimidade e mundo não é, absolutamente a de exclusão entre ambos, como um olhar não-fenomenológico poderia apontar.

A intimidade não consiste em um movimento de fechamento do homem em relação ao mundo, nem a presença no mundo resulta na sua perdição.

A Fenomenologia se propõe a habitar as coisas, elas mesmas. Habitá-las é manter-se numa relação de contemplação das coisas. A contemplação é um habitar as coisas, e fazer com que, através da observação, você vá cada vez mais se aproximando da intimidade delas, e percebendo o modo mais próprio delas serem. A realidade, ela mesma, já nos é dada; desde o momento em que nascemos, nós estamos em contato com a realidade. A realidade mostra diferentes facetas dela de acordo com diferentes modos de nós estarmos situados com ela.

Isso é poucas vezes ressaltado nas colocações fenomenológicas: o homem vive, originalmente, no mundo, neste mundo que a Fenomenologia constata que é o lugar onde o homem é, e ao qual ele está destinado. Há uma familiaridade minha com o mundo. Eu pertencço ao mundo e o mundo pertence a mim. O mundo me diz respeito. Eu habito o mundo. O lugar em que eu estou o tempo todo, em que a minha própria intimidade está presente é o mundo. O mundo é a minha casa.

A concepção científica analítica, que predomina até hoje, pretende dar uma visão de homem como se ele fosse alguma coisa em si mesma, isolada do mundo. Como se a sua possibilidade de ser homem não estivesse, desde o primeiro instante de sua existência, voltada para o mundo; como se o homem fosse uma máquina com uma série de características e que, em algum momento, essas características de ser homem entrassem em contato com o mundo. O que a Fenomenologia coloca é que, desde o primeiro instante, o homem é contato com o mundo, é destinado a ele.

O contato que eu tenho com o mundo não é um contato superficial que mantém o mundo verdadeiro na obscuridade. O que eu toco e vejo é o mundo na sua versão própria e verdadeira, embora não única. Nós temos acesso imediato ao mundo, porque somos nele, e o que se mostra ao homem do mundo, é o mundo mesmo.

Nós somos parte do mundo, somos do mundo. Ao mesmo tempo, nós não somos simplesmente uma coisa do mundo, nós não paramos aí. Nós somos aquele que mantém as coisas em redor de si. Nós não estabelecemos uma relação ao acaso com as coisas do mundo. Nós somos um centro a partir do qual as coisas estão ao redor.

Somos uma presença no mundo, algo no mundo, que tem uma característica: nós estabelecemos uma relação com as coisas de tal modo que as coisas estão ao nosso redor, somos um centro irradiador de sentido, em que nós e as coisas do mundo constituímos uma paisagem plena de sentido. Nós é que constituímos a paisagem: um pedaço do mundo que tem uma certa ordem e essa ordem já é o homem viver um sentido que as coisas têm. Esse sentido é do mundo, mas é aberto e descoberto pelo homem.

O homem não vem de outro mundo, ele é deste mundo, e todos os poderes dele são deste mundo, nasceram das coisas do mundo. Todas as possibilidades do homem são nascidas entre as coisas do mundo, como possibilidades de desdobramento do mundo.

Isso se constitui numa integração nossa com o mundo, que atribui um sentido próprio à nossa presença, mas também nos fala: "O lugar de onde você vem, ao qual você pertence, é o mundo. Você não está aqui como um turista privilegiado; você nasceu do mundo, você é dele, e esses poderes que você tem, por ser homem, são poderes que o mundo ofereceu a você."

Na obra "A Poética do Espaço" de Bachelard, a casa é o elemento que conjuga, articula a intimidade com o mundo. A casa oferece ao homem a segurança da restauração, a segurança do repouso, que não são estados privilegiados e típicos de individualidade, de enclausuramento de cada homem. Fazem parte, sim, dessa individualidade, mas são um dos momentos em que o próprio do homem é cultivado e este momento, em que a intimidade é reencontrada no interior de uma casa, confere ao homem confiança e disponibilidade para ele ser sensível aos apelos do mundo. Sim, porque só um homem feliz na sua intimidade reencontrada, pode sair de casa e ir a encontro daquilo que há no mundo. Temos, então, uma primeira constatação: a existência de um homem que se enclausura em casa é a existência de um homem que está em busca do bem-estar, mas que ainda não o encontrou. Toda felicidade leva o homem a entrar em contato com aquilo que não é ele. A felicidade não enclausura o homem em si mesmo. Assim, o mundo não é uma instância penosa e necessária para a qual o homem se dirige e onde ele encontra a provisão de suas necessidades. Ter essa relação com o mundo é ser infeliz no mundo e na casa. Pelo contrário, o mundo é o lugar que o homem habita ativamente após ter repousado e se refeito na casa. A estranheza que o mundo nos provoca, suas ondas de agressão e de hostilidade, são vividas por nós porque estamos enfraquecidos e vulneráveis, isto é, porque não estamos repousados nem refeitos - estamos longe de nós.

Se dizemos que o mundo é o destino do homem feliz, feliz porque disponível para, também queremos dizer que há correspondência entre aquilo que cada homem considera como sendo o seu mais próprio, o seu íntimo, e a imensidão do mundo. O homem vive espontaneamente uma compreensão das imensidões do mundo e o aprofundamento da compreensão de si. Ele vive uma familiaridade com o imenso que o mundo é, ao mesmo tempo que vive um aprofundamento da compreensão de si.

Um exemplo de imensidão do mundo é a planície. No trabalho realizado por Bachelard com a imagem da planície, ele se vale da descrição feita pelo escritor Henri Bosco a respeito da planície e de sua relação imediata com a própria intimidade. Diz Bosco: "Na planície, estou sempre alhures, num alhures flutuante, fluido. Longamente ausente de mim mesmo, sem estr presente em parte alguma, atribuo com

demasiada facilidade a inconsistência de meus devaneios aos espaços ilimitados que os favorecem."

Bachelard se refere também a uma afirmação de Hilke a respeito da planície. Diz Hilke: "A planície é o sentimento que nos faz crescer." Essas duas vivências da planície, a da dispersão de mim mesmo oferecida pelas palavras de Bosco e da concentração, também de mim mesmo apontada por Hilke são modos de ser e modos de estar no mundo, muito diferentes de um ser e estar no mundo convencional e do senso comum onde, (no convencional) a planície é um mundo simplificado do modo de ser do homem convencional. Então diremos que há uma simultaneidade entre o despertar do homem que o mundo oferece através de suas imensidões e a disponibilidade de espírito do homem que torna possível o aparecimento da imensidão do mundo.

A casa é o eixo que articula em si mesmo o mundo e o homem. A casa é essa presença privilegiada na existência que acolhe o homem no que ela tem de abrigo e proteção. O abrigo e a proteção que a casa é são uma doação generosa do mundo através da casa.

Então, reiterando, o abrigo e a proteção não são da casa, é o mundo que pode se tornar abrigo e proteção na figura da casa, para o homem que os busca encolhendo-se. Aliás, ao se encolher num canto, o homem, ele já cria as primeiras paredes da casa. Esta minha insistência em designar a casa como um pedaço do mundo, advém do fato existencialmente relevante de que a casa é uma dimensão do mundo que concretiza o pertencimento do homem, e nós podemos dizer que esse pertencimento é vivido como familiaridade e aconchego na medida em que a casa, por ser o mundo circunscrito acolhe a necessidade de repouso do homem. Esse repouso não pode ser compreendido por nós apenas como uma suspensão da nossa maneira ativa de estar no mundo. Estar em repouso para Bachelard é estar simultaneamente no abrigo do descanso e no alerta da sensibilidade extrema, pois, só a segurança de poder serenamente ser, que o homem vive ao repousar na casa, o torna naturalmente aberto a se sensibilizar com o mundo. Nesse ponto que fazer uma observação, reiterá-la, no sentido de apontar que o destino do homem feliz e saudável não é o seu enclausuramento, mas sim uma disponibilidade, quase juvenil, de se sensibilizar pela presença do mundo e dos outros. Esse movimento de recolhimento do homem para alcançar o repouso não é algo que se dê e seja

compreensível apenas na mecânica dos desgastes de energia vividos pelo homem. O repouso na verdade, podemos dizer assim, é o destino primordial do homem, no sentido que torna possível, de um lado a reafirmação de si mesmo e simultaneamente, o despertar de uma disponibilidade. O repouso é, portanto, um valor existencial que se mostra como um deslocamento inevitável, quase como a força da gravidade, em direção ao encontro do homem consigo mesmo, com sua intimidade.

Mas o que o homem vai encontrar aí, ao se aninhar em sua intimidade? Imagens? Sensações? Sentimentos? Recordações?

Sim, sem dúvida. Mas, cada um desses aspectos que o repouso íntimo nos oferece é eco de instantes da existência em que o estar do homem com os outros aconteceu. É a partir do meu repouso que eu tenho condições de, ao me voltar para o que eu vivi me afastar desse cenário de envolvimento e ao realizar isso, o afastamento, recolher em mim o sentido desses instantes vividos com os outros. O sentido desses instantes vividos não é, pura e simplesmente, o registro das minhas possibilidades, nas quais eu mergulhei embriagado pela vida. É sim, a constatação de uma autoria, de um encarregar-se na solidão e dar conta da própria existência. Esse encarregar-me de mim me vitaliza e me alimenta, e realizar a apropriação de mim mesmo não é o ato final do meu existir, não é não. Há, portanto, uma relação absolutamente viva, ardente, do homem com o mundo. Essa relação ardente é o que faz o homem ser no mundo e se encontrar.